

O TRABALHO À FLOR DA PELE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DO ESTRANHAMENTO NOS CANAVIAIS E CAMPOS DE FLORES

*Maria Aparecida de Moraes Silva**

*Juliana Dourado Bueno***

*Lúcio Vasconcellos de Verçoza****

Resumo: A proposta do artigo é lançar novos olhares para a subjetividade dos trabalhadores e das trabalhadoras empregados nos eitos dos canaviais nos estados de São Paulo e Alagoas e nos campos de flores na região de Holambra/SP. Ao trazer esse elemento para a análise, é possível compreender dois processos que se cruzam, quais sejam, a cisão do ser humano e o processo no qual as mercadorias produzidas vão, paulatinamente, ganhando vida e totalidade. Para tal compreensão, foram utilizados os estudos de Marx sobre o processo de estranhamento e a reflexão arendtiana acerca da destituição da condição humana como característica da modernidade. Além da observação em campo empírico, a metodologia empregada esteve pautada na História Oral, que permite dar visibilidade às experiências objetivas e subjetivas que por vezes são apagadas quando a grandeza e a beleza de determinados setores do agronegócio brasileiro persistem em se apresentar como a única paisagem.

Palavras-chave: Trabalho rural. Estranhamento. Subjetividades. Agronegócio canavieiro. Agronegócio das flores.

Work on edge: contemporary forms of estrangement in the sugarcane fields

Abstract: The purpose of this article is to shed new insights into the subjectivity of workers employed in the sugar cane fields in the States of São Paulo and Alagoas and in the flowers fields in the region of Holambra / SP. By bringing that element to the analysis, it is possible to understand two processes that intersect, namely the division of human beings and the process by which goods produced gradually gain life and wholeness. We followed Marx's ideas on the process of estrangement and Arendt's reflection on dismissal of the human condition as the main characteristic of modernity. Besides the empirical observation in the field, the methodology used was based on Oral History, which enables the profiling of the objective and subjective experiences which are sometimes ignored when people persist in only seeing the grandeur and beauty of certain sectors of Brazilian agribusiness.

* Professora aposentada e livre-docente da UNESP. Atualmente é visitante do PPG/Sociologia/UFSCar. Pesquisadora do CNPq. E-mail: maria_moraes@terra.com.br

** Doutoranda do PPG/Sociologia/UFSCar. Bolsista do CNPq. E-mail: julidourado@uol.com.br

*** Doutorando do PPG/Sociologia/UFSCar. Bolsista da FAPESP. E-mail: luciovercoza@yahoo.com.br

Key-words: rural work, estrangement, subjectivities, sugarcane agribusiness, agribusiness flowers.

INTRODUÇÃO

No Brasil o contraste entre a riqueza econômica e a humilhação no trabalho a que alguns grupos sociais são submetidos esteve presente em diferentes contextos histórico-sociais. Os chamados *agribusiness* responsáveis por alavancar a economia do País não se encontram fora da máxima enunciada nas primeiras linhas: uma parcela desse setor combina geração de receita com condições degradantes de trabalho nos campos.

O objetivo deste artigo é mostrar o que escondem a grandeza e a beleza de dois setores do agronegócio brasileiro. O intento é desvendar as diferentes “camadas” que por vezes parecem ocultar os impactos das relações de trabalho marcadas pela intensificação de jornadas. O mote que nomeia o título do texto (“o trabalho à flor da pele”) busca lançar focos de luz não somente nas consequências do trabalho intensificado no corpo físico de homens e mulheres que enfrentam os campos de cana-de-açúcar e de flores, mas também nas formas de subjetividade que se expressam com base na realização dessas atividades.

A despeito de as cifras das receitas geradas por esses setores econômicos serem apresentadas *vis-à-vis* a “fabricação da imagem”¹ e os benefícios a serem escancarados na vitrine do progresso brasileiro por carregarem elementos de modernização, desenvolvimento econômico e sustentabilidade ambiental, serão apresentados por meio do aporte teórico de Marx às formas de estranhamento que marcam a produção do etanol e das flores, bem como a destituição da condição humana que a acompanha.

A GRANDEZA E A APARENTE “BELEZA” DO AGRONEGÓCIO

No ano de 2012, de janeiro a novembro, as exportações de etanol no Brasil geraram uma receita de 1,8 bilhão de dólares. O estado de São Paulo, sozinho, foi responsável por aproximadamente 80% desse valor. No mesmo período, o estado de Alagoas exportou o equivalente a 69 milhões de dólares, respondendo por 3,68% da receita advinda da exportação de etanol (UNICA, 2013).

¹ A construção da ideologia carregada de elementos simbólicos foi analisada por Burke (2009), referenciando-se à fabricação da imagem do poder absoluto do rei Luiz XIV. Em artigo recente, Bruno (2012) utiliza essa noção para analisar o *habitus* das elites agrárias do Brasil por meio da propaganda midiática SOU AGRO. A “fabricação dessa imagem” está presente na letra do samba-enredo da campeã do carnaval do Rio de Janeiro de 2013, Vila Izabel, patrocinada pela BASF, uma das maiores vendedoras de agrotóxicos no Brasil. A homenagem aos agricultores (familiares?) é sem dúvida uma forma de confundir e dissimular a maneira de produzir das grandes empresas do *agribusiness*. A imagem simbiótica do samba-agricultura é mais uma empreitada das elites para assegurar suas vendas no exterior, além de cooptar um dos traços mais importantes da cultura popular brasileira.

Visando ampliar as cifras também no mercado interno e incentivar o consumo do álcool combustível, a UNICA (União da Indústria de Cana-de-Açúcar) lançou em 2012 uma campanha publicitária com divulgação por meio de um endereço eletrônico,² propagandas na mídia impressa, meios televisivos e radiofônicos. O *slogan* da campanha veiculada foi “Etanol, o combustível completão”. A “completude” dessa mercadoria, de acordo com os informes transmitidos naqueles meios, se dá pelos seguintes aspectos: geração de milhões de empregos; sustentabilidade ambiental (na medida em que o uso do etanol no automóvel emite menos gases que provocam as mudanças climáticas); e rapidez no desempenho do veículo.

Os aspectos positivos do uso desse combustível também são elencados em uma cartilha disponível no endereço eletrônico de divulgação da campanha. No final da cartilha, há um item denominado “As práticas de trabalho no setor sucroenergético”, no qual são destacados a empregabilidade elevada do setor e o impacto da substituição do corte manual da cana-de-açúcar pelo corte mecanizado. A cartilha revela que há uma substituição das ocupações no setor, na medida em que os novos cargos trazidos pela mecanização da colheita exigem maiores qualificações.

O material informativo também faz referência ao Compromisso Nacional para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Indústria da Cana-de-Açúcar. Firmado em 2009, o Compromisso se trata de uma negociação do Governo Federal com a União Nacional da Indústria de Cana de Açúcar (UNICA) e as entidades de trabalhadores rurais do corte manual de cana para Aperfeiçoar as Condições de Trabalho na Cana-de-Açúcar. O acordo tem por finalidade melhorar a imagem do setor diante do mercado internacional – para tanto, anuncia-se que o etanol é um produto sustentável e responsável (RODRIGUES, 2012). Depois de assumir o Compromisso, as empresas recebem visitas para que seja certificado o cumprimento das boas práticas uma vez acordadas (SILVA, MENEZES, RIBEIRO, 2013).

No mês de junho de 2012 a presidenta Dilma Rousseff, em cerimônia realizada no Palácio do Planalto, entregou para 169 usinas o selo de “Empresa Compromissada”, atestando que receberam a visita e cumpriram as boas práticas, dentre as quais estão:

o fornecimento de transporte seguro e grátis aos trabalhadores, a contratação direta, eliminando a figura do atravessador (conhecido como “gato”), e a garantia de local adequado para a alimentação e fornecimento de recipiente térmico (marmita), para conservar a temperatura da refeição (AGÊNCIA BRASIL, 2012).

Entretanto, aproximadamente 60 usinas que receberam o referido selo respondem por processos trabalhistas em razão de más condições de

² www.etanolverde.com.br

trabalho nos canaviais. Dentre elas estão várias usinas do interior de São Paulo e Alagoas.³ Ademais, é válido ressaltar que mesmo diante da situação de longa data em que são apresentadas denúncias de péssimas condições de trabalho no ambiente canavieiro, os usineiros foram denominados em 2007 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva como verdadeiros heróis nacionais e mundiais por apresentar “políticas sérias” no suprimento do etanol diante do mercado externo (FOLHA ONLINE, 2007).

Outro setor do agronegócio que carrega uma imagem bastante positiva é a produção de flores, que vem crescendo no país e se responsabilizando pelo incremento nas exportações. No ano de 2011 o setor proporcionou aproximadamente 194 mil empregos diretos, dos quais 96 mil estavam destinados à produção. O comércio de flores gerou nesse mesmo ano uma receita de R\$4,3 bilhões. No que diz respeito à exportação, os principais responsáveis pelo saldo positivo foram os bulbos, rizomas e tubérculos que responderam por aproximadamente 50% do total dos produtos exportados pelo setor da floricultura no Brasil (IBRAFLOR, 2012).

Tamanho sucesso também pode ser verificado anualmente na grande celebração das flores realizada em Holambra, município do interior paulista responsável pela produção e comercialização de boa parte das flores do Brasil. A Expoflora é considerada a “maior manifestação cultural da imigração holandesa e a maior festa de flores e plantas da América Latina (EXPOFLORA, 2012)”. Esse cenário é bastante peculiar por mostrar ao mesmo tempo a grandiosidade da “cultura holandesa” e a invisibilidade da atividade de homens e mulheres que cotidianamente trabalham nos campos e estufas nas áreas rurais dos municípios de Holambra e seu entorno.

Para além da feira que expõe e comercializa uma infinidade de variedades de plantas e flores, a Expoflora se constitui como um momento importante para tentar ampliar o público consumidor de flores por meio de ações que passam pelo consumo em massa da cultura holandesa: durante a festa são apresentadas danças “tipicamente holandesas” e comercializadas comidas, bebidas e objetos que fazem alusão ao referido país europeu.

Cabe ressaltar, entretanto, que a riqueza gerada pelo setor de flores como um todo e pela festa não é compartilhada pelas trabalhadoras e pelos trabalhadores⁴ envolvidos diretamente no processo de produção das flores.

³ De acordo com o levantamento do Ministério Público do Trabalho de São Paulo, 26 das 85 usinas no estado que receberam o selo de empresa “compromissada” estão envolvidas em ações na Justiça do Trabalho. Em Alagoas, 18 usinas das 24 existentes no estado foram certificadas com o selo, o Ministério Público do Trabalho apurou 82 denúncias de irregularidades em 15 usinas de Alagoas no período entre janeiro e 19 de julho de 2012 (RODRIGUES, 2012).

⁴ Durante pesquisa empírica na Expoflora, uma das entrevistadas ressaltou a não apropriação dos trabalhadores da elevada riqueza gerada pela festa. Causava-lhe tristeza o fato de ter que trabalhar todos os dias da semana e não poder comprar qualquer produto na feira de exposições onde estava trabalhando.

Tampouco a variedade e o colorido dessas plantas representam a trajetória laboral e a experiência no cotidiano de trabalho, que tem sua intensidade expandida ao máximo em datas comemorativas como o Dia das Mães, Dia dos Namorados, Finados e Natal.

A vitrine que escancara a grandeza do etanol e a beleza das flores esconde as relações de trabalho precárias e degradantes que as geram. Escamoteia a essência e a subjetividade roubadas de homens e mulheres que enfrentam os campos diariamente para que seja gerada a riqueza nacional.

O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz privação para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas deformação para o trabalhador. Substitui o trabalho por máquinas, mas lança uma parte dos trabalhadores de volta a um trabalho bárbaro e faz da outra parte máquinas. Produz espírito, mas produz imbecilidade, cretinismo para o trabalhador (MARX, 2004, p. 82).

É no espaço da aparente contradição, portanto, que convivem a mercadoria e a experiência de trabalho das pessoas empregadas nos referidos setores do agronegócio. Trazemos nesse texto ao mundo da mercadoria o processo de estranhamento, em suas diferentes modalidades. Com base nessas considerações, procuraremos fazer um caminho de análise em que as relações de trabalho, no que diz respeito a subjetividade das pessoas empregadas no setor canavieiro no interior de São Paulo e em Alagoas e plantio e colheita de flores na região de Holambra, não sejam apagadas. Uma vez traçado esse caminho, nos propomos apresentar parte de uma totalidade que representa as relações de trabalho que marcam os canaviais e campos de flores brasileiros.

A MULTIPLICIDADE DO ESTRANHAMENTO

Introduziremos este tópico retomando, de modo sintético, as distintas dimensões do estranhamento⁵ do trabalho delineadas por Marx nos *Manuscritos econômico-filosóficos* (ou *Manuscritos de Paris*), de 1844. Após essas breves considerações – que julgamos necessárias para compreensão

⁵ Adotamos o uso do termo estranhamento com base na tradução proposta por Jesus Ranieri, que considera os conceitos marxianos de *Entäusserung/Entfremdung* como noções articuladas, mas, com sentidos distintos. Por isso Ranieri propõe que *Entäusserung/Entfremdung* sejam traduzidos para o português por nomes também distintos: alienação/estranhamento. Nessa perspectiva, a “primeira [alienação/ *Entäusserung*] está carregada de um conteúdo voltado à noção de atividade, objetivação, exteriorizações históricas do ser humano; a segunda [estranhamento/ *Entfremdung*], ao contrário, compõe-se dos obstáculos sociais que impedem que a primeira se realize em conformidade com as potencialidades do homem, entraves que fazem com que, dadas as formas históricas de apropriação e organização do trabalho por meio da propriedade privada, a alienação apareça como um elemento concêntrico ao estranhamento.” (RANIERI, 2001, p.7).

do caráter multifacetado do estranhamento⁶ –, analisaremos o estranhamento do trabalho nos eitos de cana e campos de flores da contemporaneidade.

O primeiro aspecto do trabalho estranhado examinado por Marx foi o da relação dos trabalhadores com o produto do seu trabalho. Nessa relação, o objeto produzido pelo trabalhador – o produto do seu trabalho – “se lhe defronta como um *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor” (MARX, 2004, p. 80). A “vida que ele [o trabalhador] concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha” (MARX, 2004, p. 81), como algo que não depende do trabalhador. Ademais, no trabalho estranhado, o produto do trabalho não pertence a quem o cria, e o criador não se reconhece no objeto.

Para Marx, o estranhamento não se manifesta apenas no resultado da produção – esse é apenas o seu aspecto mais evidente –, “mas também, principalmente, no *ato da produção*, dentro da própria atividade produtiva” (MARX, 2004, p. 82). Essa é a segunda dimensão do estranhamento, que diz respeito à relação do trabalhador com a atividade da produção no interior do trabalho. O próprio processo laborativo aparece como algo estranho ao trabalhador, a sua própria atividade não lhe pertence, “ele não se afirma, portanto, em seu trabalho, mas nega-se nele [...], a atividade do trabalhador não é sua auto-atividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo” (MARX, 2004, p. 82 e 83).

O estranhamento-de-si é um dos corolários do estranhamento da atividade produtiva:

A energia espiritual e física *própria* do trabalhador, a sua vida pessoal – pois o que é a vida senão atividade – como uma atividade voltada contra ele mesmo, independente dele, não pertencente a ele. O *estranhamento-de-si*, tal qual acima o estranhamento da coisa. (MARX, 2004, p. 83)

A própria vida individual se torna estranhada, pois ela é determinada por uma objetividade externa ao indivíduo, que sequer determina o conteúdo, o ritmo e a finalidade de sua atividade vital – o trabalho. Desse modo, o trabalho aparece somente “como um *meio* para satisfação de uma carência, a necessidade de manutenção da existência física” (Idem, p. 84).

Conforme o trabalho estranhado estranha os homens e as mulheres do produto do trabalho, da própria atividade produtiva e de si mesmo; ele também os estranha do gênero humano. Pois, se a atividade vital consciente e livre é “o caráter genérico do homem” (*Ibidem*), com o trabalho estranha-

⁶ É válido sublinhar que para Marx o fenômeno do estranhamento não se restringe apenas ao estranhamento do trabalho, ele se manifesta ainda em outras esferas da sociabilidade humana, tais como na religião, no direito, na moral e arte. Levando em consideração o objetivo do presente artigo, nos deteremos apenas em alguns aspectos do estranhamento do trabalho.

do essa relação é invertida “a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua *essência*, apenas um meio para sua existência” (MARX, 2004, p. 85).

O último aspecto do estranhamento do trabalho sublinhado por Marx é o estranhamento do outro:

uma consequência imediata disto, de o homem estar estranhado do produto do seu trabalho, de sua atividade vital e de seu ser genérico é o estranhamento do homem pelo [próprio] homem. Quando o homem está frente a si mesmo, defronta-se com ele o outro homem. O que é produto da relação do homem com o seu trabalho, produto de seu trabalho e consigo mesmo, vale como relação do homem com outro homem, com o trabalho e o objeto do trabalho de outro homem (MARX, 2004, p. 85-86).

De modo deveras resumido, são essas as múltiplas formas de estranhamento do trabalho presentes nos *Manuscritos de Paris*. Esse texto, escrito por Marx em 1844, ficou desconhecido por quase um século, sendo publicado apenas em 1932. Em *O Capital*, as questões ligadas ao estranhamento do trabalho ganharam novos contornos, sobretudo no capítulo acerca do fetichismo da mercadoria.⁷

Seguindo as pistas desse capítulo, Lukács, que, em 1923,⁸ ainda desconhecia os *Manuscritos de Paris*, desenvolveu formulações acerca da reificação que se assemelham as teses sobre o trabalho estranhado levantadas por Marx:

Desse fenômeno estrutural fundamental [o fenômeno da reificação], há que reter antes do mais, o que faz com que o homem se oponha à sua própria atividade, ao seu próprio trabalho, como algo de objetivo, independente dele e o que o domina pelas suas leis próprias, estranhas ao homem. Isso verifica-se tanto no plano objetivo como no subjetivo. (LUKÁCS, 1974, p. 100-101).

Tanto o escrito de Marx quanto o de Lukács, cada um ao seu modo – o primeiro teorizando sobre o estranhamento e o segundo acerca da reificação – demonstram o caráter desumanizado e desumanizante do trabalho assalariado. Apesar de os elementos fundamentais do trabalho assalariado terem permanecido intactos até o presente momento, ocorreram significativas transformações nos processos de produção das mercadorias e no padrão de acumulação do capital nas últimas décadas do século XX. Como sugere Antunes (2011), essas mudanças acarretaram (e ainda acarretam) consequências na subjetividade dos trabalhadores, e nas distintas formas assumidas pelo fenômeno do estranhamento.

⁷ Mais adiante abordaremos alguns dos aspectos do fetichismo da mercadoria.

⁸ Em 1923 Lukács publicou o livro *História e Consciência de Classe*, que contém o capítulo “A reificação e a consciência do proletariado”.

O ESTRANHAMENTO E A DESTITUIÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA

Até aqui a nossa exposição do estranhamento pode ter aparecido, para alguns leitores, como um fenômeno meramente metafísico, todavia, como demonstraremos, ele tem concretude. Nos campos de cana e flores ele assume as características gerais já sublinhadas acima e que são intrínsecas ao trabalho assalariado. Porém, seria tautológico buscar apenas os atributos gerais do estranhamento nessas atividades, por isso, o que nos interessa é, sobretudo, a apreensão das particularidades das formas de estranhamentos nessas atividades laborais específicas.

Fuligem – ritmo intenso –, agachamento, golpes de podão, carregamento de cana, arrumação, sol quente – mais cana. Fiscal reclama. Fuligem – ritmo intenso –, agachamento, golpes de podão, carregamento de cana, sol quente – mais cana. O ciclo se repete. Mais uma hora. Mais um dia. Mais uma semana. Mais um mês. Mais uma safra. Mais uma cana. Não foi por acaso que muitos dos trabalhadores que entrevistamos relataram algumas das sequelas deixadas pelo trabalho no corte da cana. Fuligem – ritmo intenso –, agachamento, golpes de podão, carregamento de cana, arrumação, sol quente – mais cana.⁹

Eis o retrato do trabalho cotidiano no corte manual da cana-de-açúcar. Muitos trabalhadores relataram dores na coluna e outras sequelas no corpo advindas da realização dessa atividade. Porém, o que mais nos chamou atenção foi o “canguru”. A referência dos trabalhadores canavieiros ao empregarem esse termo não é o animal australiano, mas uma sequela do excesso de trabalho. Nas usinas paulistas ele também é comum, entretanto, aparece com outro nome: os trabalhadores o conhecem como “birôla” (SILVA et al, 2006). O “canguru” ou “birôla” foi descrito por um médico de Jaboaticabal, entrevistado por Novaes (2007, p. 107-108), da seguinte forma:

quando o trabalhador é submetido a uma carga de trabalho e seu físico não está acostumado, e se ele estiver debilitado ou se for portador de uma doença preexistente, uma cardiopatia, ele pode ter morte súbita se submetido a trabalho excessivo com sudorese. A transpiração excessiva provoca perda de eletrólitos, de sais do organismo. Se você pegar a camisa de um trabalhador ela chega a estar branca por causa da perda de sais. A câibra é o primeiro sintoma de quando você tem distúrbios hidroeletrólítico. A câibra é o acúmulo de ácido láctico na musculatura. Ele fica todo contorcido, parece um possuído. Pra você ter uma ideia, é quase como uma convul-

⁹ Para o trabalhador lograr um bom desempenho (do ponto de vista da usina), a cana precisa ser cortada ao rés-do-chão, exigindo a total curvatura do corpo. Após abraçar as canas, são necessários vários golpes de podão, seguidos dos cortes dos ponteiros que contêm pouca sacarose e que, por isso, não são levados para a moagem. Em seguida, as canas são carregadas e lançadas em montes - leiras - e, novamente, o ciclo é recommçado. Conforme demonstra Laat (2010), o trabalhador no canavial paulista realiza, aproximadamente, 3.080 flexões de coluna (cerca de 1,88 flexões a cada 10 segundos) e pelo menos 3.498 golpes de podão para cortar 12.960 kg em um dia.

são. E dói, dói muito aquilo. Um jogador de futebol, um atleta preparado, quando tem câibra ele é substituído. Imagine um trabalhador rural que se submete a uma rotina dura de trabalho. O tratamento correto é a hidratação com soro fisiológico. Existem usinas agora que fornecem um pó para misturar na comida para algumas perdas de vitaminas e proteínas. Eu nunca presenciei uma morte súbita por decorrência de distúrbio hidroeletrolítico, de câibra. Geralmente, a pessoa chega morta no pronto-socorro.

Esse processo de câibras que domina todo o corpo e que pode levar até a morte¹⁰ foi descrito pelo médico de forma técnica, mas, ao mesmo tempo, compreensível para um leigo. Foi também mencionada por Juarez¹¹ – um dos cortadores de cana entrevistados¹² – da seguinte forma:

Lúcio: O senhor já viu alguém desmaiar, ou ir para o hospital e morrer?
 Juarez: Oxe, já vi muito!
 Lúcio: Já viu falecer também? Em decorrência do esforço?
 Juarez: Dos tempos em que eu trabalhei só vi um.
 Lúcio: Faleceu?
 Juarez: Faleceu, ele...
 L: Caiu no corte?
 J: Deu um negócio lá no serviço e levaram ele para o hospital. Quando ele chegou lá, morreu.
 L: Foi aonde isso?
 J: Isso aí foi na usina Seresta.
 L: Em que ano? Há quanto tempo atrás, mais ou menos?
 J: Tá com a faixa de uns dezoito anos. Por aí assim. Só foi quando eu vi. Agora, gente desmaiar assim, já vi um bocado.
 L: Como é que chama quando desmaia?
 J: Aí quando desmaia diz: “chega que o ‘canguru’ pegou ali o rapaz”. Já deu em mim esse tal de “canguru”.
 L: Já deu “canguru”?
 J: É um tipo de fraqueza que dá na gente, e chega câibra por todos os cantos. As usinas não fornecem ao cara um “suquinho”, é... potente assim de limão. Um negócio assim e outro. Eles não querem saber de nada, eles só querem a safra dele terminada.
 L: Quando deu o “canguru”, o senhor fez o quê?
 J: Fica lá no chão caído e pronto.
 L: Não foi para o posto não?

¹⁰ Segundo o médico de uma usina alagoana, entrevistado em fevereiro de 2011, o “canguru” pode resultar em “morte, porque é um distúrbio hidroeletrolítico, e isso mexe com as células, que são as unidades fundamentais, e se não for atendido, hidratado e não tiver repostos esses eletrólitos, pode acontecer” o óbito.

¹¹ Para preservar a identidade das trabalhadoras, os nomes apresentados nesse artigo são fictícios.

¹² Entrevista realizada no dia 20 de julho de 2009, no conjunto habitacional Denisson Menezes, que fica localizado próximo ao *campus* da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), em Maceió.

J: Não. Eu não fui para o posto, não. Porque às vezes fica em um canto meio longe da usina, aí às vezes o rádio não chega, não tem ninguém ali para avisar.

L: Nem mandaram ambulância?

J: É. Aí o “canguru” ali, ele dá e depois vai saindo de novo.

L: Aí o senhor se recuperou lá mesmo?

J: É, me recuperei no serviço mesmo.

L: Mas voltou a trabalhar depois do “canguru”, no mesmo dia?

J: Não. Voltei mais não. Porque não aguentava mais não. Passei dois dias sem trabalhar.

O fato de “canguru” ser uma palavra consolidada no vocabulário dos trabalhadores canavieiros de Alagoas indica que ocorre com frequência.¹³ Esses casos de “canguru” ou “birôla” que se multiplicam nos eitos da cana são desencadeados pelo excesso de trabalho impulsionado pelos métodos de exploração da força de trabalho, que induzem o trabalhador a imprimir um ritmo muito intenso.¹⁴ Um trabalhador nos relatou que quem vivencia esse processo generalizado de câibras costuma encolher os braços junto ao corpo, de tal forma, que se assemelha a posição das patas do canguru australiano. Para o entrevistado o nome “canguru” decorre dessa trágica e surreal semelhança. O “pulo do canguru” vai se transfigurando em perda de si. O corte de cana se torna corte de si. O trabalhador estranha os seus movimentos, não se reconhece naquela convulsão autônoma. Está diante de si como se estivesse diante de um “canguru”. Está diante da cana como se estivesse diante de um ente personificado que o transfigura.

Cabe ainda frisar, na esteira de Weil (1979), que o processo de intensificação do trabalho deve ser compreendido para além da fadiga do corpo dos trabalhadores, pois existe ainda a fadiga na alma. Afinal, como é possível que casos como a perda de controle sobre os movimentos do próprio corpo durante o trabalho (“canguru” ou birôla) – experiência extrema de estranhamento de si – não atinjam também a interioridade dos trabalhadores? Como é possível aguentar tais agruras? Como afirma Silva (2009, p. 23), a “barbárie produzida no i-mundo do trabalho atinge o fundo de ser, da condição humana”.

O atual processo de reconfiguração da produção canavieira, além de intensificar a exploração da força de trabalho e de tornar mais agudo o estranhamento, traz no seu bojo uma “nova” divisão sexual do trabalho, que emprega homens e mulheres segundo os velhos critérios baseados em um

¹³ Plancherel; Queiroz; Santos (2010), também apontam que o “canguru” é algo que ocorre amiúde nos canaviais alagoanos.

¹⁴ Tanto nos canaviais paulistas quanto nos alagoanos, o corte da cana é remunerado mediante o salário por produção. Ademais, existem outros métodos que também objetivam intensificar o trabalho, como: exigência de média mínima diária de toneladas cortadas e premiação para os mais produtivos. Para maiores detalhes acerca dos métodos de exploração da força de trabalho nos canaviais paulistas e alagoanos, ver: Silva (1999, 2004 e 2011), Alves (2007), Mello (2002) e Verçosa (2012).

discurso biologizante no qual a força física seria prerrogativa masculina, enquanto características como cuidado, responsabilidade, obediência e delicadeza seriam exclusividade das mulheres. Trata-se de uma lógica pautada na segregação étnica e sexual, na medida em que dois processos se cruzam: a masculinização e etnificação no corte manual da cana – a imagem de “bom cortador de cana” é associada ao homem migrante¹⁵ –, e a feminização de certas atividades nos canaviais. Portanto, o trabalho manual não desapareceu, ele continua oculto pelos discursos estatal, patronal, dos meios de comunicação, e até mesmo de certos sindicalistas, a serviço da ideologia do *agribusiness*. De acordo com essa ideologia, nos canaviais paulistas o trabalho é executado tão somente por máquinas, e em Alagoas, muito em breve – segundo esse discurso –, não existirá mais trabalho manual. Produz-se assim o trabalho oculto desempenhado por mulheres e homens igualmente ocultos, negados e tornados invisíveis à sociedade em geral. Na medida em que essas máscaras são retiradas, além dos homens, vistos acima, aparecem as mulheres que compõem esse cenário no plantio, tratos culturais, catação de pedra e, no caso paulista, na *bituca*.¹⁶

Conforme aponta Silva (2011, p. 35), essas mulheres são verdadeiras *faxineiras dos canaviais*. Elas desempenham atividades “extremamente importantes para deixar a terra limpa, sem sujeiras ou obstáculos para a garantia da alta produtividade e dos lucros obtidos.” (Ibidem). As sobras de cana (*bitucas*) são recolhidas pelas *bituqueiras* tanto para evitar desperdícios de matéria-prima, quanto para impedir a proliferação de bactérias, capazes de comprometer a rebrota da cana, o que demandaria gastos para a recuperação dos canaviais, sem os quais a produtividade da safra seguinte seria menor, trazendo prejuízos financeiros aos donos dos mesmos.

Entre as faxineiras dos canaviais (SILVA, 2011) encontram-se também as *mulheres da pedra*. O trabalho dessa turma consiste em retirar as pedras dos canaviais antes do corte realizado por máquinas, pois as pedras podem danificar as lâminas das colheitadeiras. Para isso, as mulheres recolhem as pedras da terra e as põem em baldes.¹⁷ Na medida em que os baldes ficam cheios, as pedras são arremessadas em montes para que o

¹⁵ Nos últimos anos, tanto em São Paulo quanto em Alagoas, o trabalho feminino no corte da cana se tornou quase inexistente. Para essa atividade, as usinas paulistas priorizam o emprego de homens migrantes do nordeste brasileiro. Em Alagoas são contratados os canavieiros “da rua” (os do lugar) e os sertanejos migrantes, assim diferenciados entre si. Enquanto os primeiros residem nas periferias das cidades próximas às usinas, os segundos retornam ao sertão na entressafra da cana.

¹⁶ *Bituqueiras* são as mulheres que exercem a função de recolher as *bitucas* – denominação dos restos de cana que são deixados nos canaviais após o corte manual e o carregamento realizado pelas máquinas carregadeiras. Diferentemente de São Paulo, em Alagoas as mulheres não foram absorvidas nesse trabalho. Isso, além de revelar particularidades desse trabalho em ambos os estados, ainda demonstra que as relações de gênero no trabalho são alteradas de acordo com as lógicas de acumulação do capital.

¹⁷ A despeito de serem instrumentos de trabalho, de modo geral, os baldes não são fornecidos pelas usinas, cabendo às trabalhadoras a responsabilidade de comprá-los.

trator possa retirá-las dos canaviais. É uma atividade perigosa, pois animais venenosos, como cobras e escorpiões, costumam ser encontrados sob as pedras, além de muito penosa, posto que às vezes, as pedras podem ser muito pesadas.

Em pesquisa de campo realizada no município de Ibaté, entrevistamos Pietra,¹⁸ uma trabalhadora que fez parte da *turma da pedra*. Ela nos disse que parecia que as “*as pedras cresciam*”, que “*as pedras brotavam*”. Pois, logo após a catação, surgiam mais pedras na área catada. Depois de recolher novamente uma a uma, de se agachar e colocá-las no balde, de se levantar e caminhar até o monte de pedregulhos, aparecia novamente mais pedras no mesmo lugar. Enquanto as “pedras brotam”, as trabalhadoras somem por detrás daquilo que aparece no etanol e no açúcar. Ao passo que as “pedras crescem”, elas se diminuem em cada agachada, em cada passo para alcançar mais uma pedra. À medida que a trabalhadora encontra mais uma pedra, ela se desencontra de si mesma.

A brilhante expressão de Pietra – *pedras que brotam* – nos remete ao mito de Sísifo, personagem que foi condenado a empurrar uma enorme pedra morro acima, porém, ao alcançar o topo, a pedra invariavelmente rolaria morro abaixo, fazendo com que o esforço de Sísifo fosse sem fim. Tanto o mito de Sísifo quanto o relato de Pietra apontam a ausência de sentido de determinadas formas de trabalho. A atividade parece inútil e maçante para as trabalhadoras, ao mesmo tempo em que parece útil e revigorante para as máquinas colheitadeiras. Se a própria atividade não pertence ao trabalhador, então a quem ela pertence?

A *outro* ser que não eu.
Quem é este ser?
Os Deuses? (MARX, 2004, p. 86)

No caso de Sísifo essa hipótese é plausível, pois o mesmo foi condenado por Zeus, regente dos Deuses do Olimpo. Mas no que se refere à atividade de Pietra, o seu trabalho pertence às pedras? Às máquinas?

O ser *estranho* ao qual pertence o trabalho e produto do trabalho, para o qual o trabalho está a serviço e para a fruição do qual [está] o produto do trabalho, só pode ser o *homem* mesmo.
Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, um poder estranho [que] está diante dele, então isto só é possível pelo fato de [o produto do trabalho] pertencer a um *outro homem fora do trabalhador*. (MARX, 2004).

¹⁸ A pesquisa de campo realizada integra as atividades projeto de pesquisa “Novas configurações do trabalho nos canaviais. Um estudo comparativo entre os estados de São Paulo e Alagoas” Edital MCT/CNPq no. 014/2011-Universal, coordenado pela Profª. Dra. Maria Aparecida de Moraes Silva. A referida entrevista foi efetivada em novembro de 2012.

Tais reflexões são de suma importância ao entendimento das vozes dos trabalhadores (as), sobretudo dos (as) que foram alijados (as) da esfera laboral em virtude de adoecimentos resultantes do desgaste do corpo ocorrido ao longo dos anos.¹⁹

Então, aí nessa época foi onde eu estava já trabalhando (...). Estava registrada. Aí eu falei pra eles: hoje que não aguento trabalhar mais, eu já estou doente, eu estou pagando um remédio que eu não estou tendo mais condições de trabalhar. Ele falou assim pra mim, ele falou: “Dona Zefa, a senhora tem que trabalhar, porque a senhora veio no ponto fazer o que, só ponto?” Eu falei: “eu não aguento mais trabalhar”. Aquele dia eles puseram os eitos todos na beira do caminho e eu comecei a trabalhar; no que comecei a trabalhar eu senti uma dor muito forte nas costas, aí o podão caiu pra um lado eu caí pro outro, aí eu não aguentava mais trabalhar. Eu chamei a ambulância da usina (...). Eu disse: “eu vou dar baixa na carteira que eu não aguento trabalhar mais”. Ele falou assim pra mim: “a senhora não pode dar baixa na carteira porque o único lugar pra senhora viver é aqui”. Aí eu fui pra usina, chegou lá eles falaram pra mim: “Dona Josefa, você está com 13 anos de carteira registrada, então a senhora vai pegar só 300 reais”. Eu falei pra eles: “eu não pego 300 reais. Como eu faço pra viver?” “Então a melhor coisa que a senhora faz, a senhora volta pro serviço, a senhora vai trabalhar até a senhora puder”. Aí eu voltei pro serviço. No dia que eu aguentava trabalhar eu trabalhava, no dia que eu não aguentava não trabalhava (...). Eu trabalhava com a dona Benedita. De “baião.”²⁰ É então ali trabalhava de baião só eu e ela. O trabalho de “baião” é você trabalhar um dum lado outro do outro, um joga uma cana para um lado, outro joga pra outro ali. Aí o feitor mede, dá 200 metros. É 100 pra uma e 100 pra outra, é meio a meio. Em todo lugar é fazer, dividir tudo no meio. Uma para pra almoçar, a outra para; vai beber água, tudo junto. Aí foi onde eu fui pro INSS, eles me seguraram no INSS durante cinco anos. Nesses cinco anos eu fui trabalhar, aí eu ia lá, eu fazia perícia, no dia da perícia a usina vinha, encostava, me punha na ambulância, me levava para fazer a perícia, voltava. E mesmo assim eles implicando: “você vai voltar pro serviço” Eu falava: “eu não aguento trabalhar mais”. “Dona Josefa, por que a senhora não volta pro serviço?” Aí eu falei: “vou voltar pro serviço de que jeito? Eu não tenho como voltar pro serviço. Eu não aguento mais trabalhar”. Aí eles falaram assim: “mas a senhora tem filho pra cuidar”. Aí eu falei assim: “mas eu não aguento. Se eu não aguentar meus filhos me dão comida, fazer o quê?” Eu falei pra eles assim ainda, aí eles falaram pra mim: “então a senhora vai procurar um jeito de fazer uma cirurgia”. Nessa época eu já estava na cadeira de rodas (...). A cana sinceramente deixou uma marca de tristeza em mim. Só foi uma marca de

¹⁹ As entrevistas com homens e mulheres na fase pós-trabalho foram realizadas no período de 2007-2009, em Barrinha, Guariba, Dobrada, Américo Brasiliense, Ibaté, cidades canavieiras localizadas na região de Ribeirão Preto onde há grande concentração de cortadores de cana, inclusive migrantes, provenientes dos estados do nordeste e do vale do rio Jequitinhonha/MG. Constatamos que todos (as) não haviam completado o tempo de trabalho para a obtenção da aposentadoria. Dos 15 entrevistados, apenas dois gozavam desse direito trabalhista. Os (as) demais estavam afastados (as) pelo INSS ou nem mesmo recebiam qualquer benefício de seguridade social. As pesquisas levadas ao cabo nessas últimas décadas nos revelou que a vida útil de um trabalhador nessa atividade não chega aos 20 anos, tempo inferior aos dos escravos em alguns momentos da história do país.

²⁰ Trabalhar em dupla era uma estratégia utilizada pelas mulheres, a fim de conseguirem os níveis de produtividade impostos pelas usinas. Ver a respeito: SILVA (1999).

dor, tristeza, angústia, você entende? Não foi uma marca de paz. De jeito nenhum. Porque a cana só meu deu sofrimento. Foi a única coisa que me deu. Só me deu sofrimento na vida. Mais nada (*Dona Josefa*, 45 anos. Entrevista realizada em 30 de agosto de 2008, em Barrinha/SP).

Após 18 anos no corte da cana, essa mulher tornou-se inválida. No momento da entrevista, a depoente já havia sido submetida à cirurgia na coluna por meio da introdução de pinos. Contudo, suas dores continuaram. Apesar de ter conseguido a aposentadoria, dependia financeiramente dos filhos para a compra de medicamentos. Atualmente, vive numa cadeira de rodas sem condição física para o desempenho de qualquer outra atividade. Ademais de depender das filhas e netas para o desempenho de tarefas domésticas, ainda necessita do auxílio das mesmas para sua locomoção e higienização corporal.

Nesse excerto, o verbo **aguentar** na forma negativa foi pronunciado dez vezes. Dores, sofrimento, angústias, incertezas fazem parte do seu cotidiano. Segundo ela, o maior esforço era no corte da cana de “rolo”, isto é, cana caída, em função de ventos ou chuvas fortes. Quando isso ocorria, havia a necessidade de levantar as canas com o apoio da perna, antes do corte, o que constituía em mais uma sobrecarga laboral. Além do corte de cana, desempenhara outras tarefas, sobretudo em dias chuvosos, quando o corte da cana é suspenso, tais como: carpir, limpar os sulcos nos canaviais, repletos d’água, a fim de retirar as canas caídas para evitar a proliferação de bactérias. A depoente também se referiu a outras mulheres com enfermidades provocadas pelo trabalho, principalmente nos pés, em razão do uso dos “sapatões”, cujo peso aumenta nos dias chuvosos devido ao acúmulo de lama. “Pés entortados”, “joelhos entortados” foram mencionados por vários depoentes.

Dona Joana que não conseguia caminhar, não obteve a aposentadoria e nem afastamento por invalidez, vivia à espera das decisões da Justiça do Trabalho e também recebia o apoio da família para sua sobrevivência. Seu relato revela que o saber médico é outra forma de dominação imposta, na medida em que sequer fora informada das razões da deformidade de seus pés. No momento da perícia médica, foram-lhe recomendados outros serviços, exceto o trabalho pesado, segundo ela.

Com sapatão... Foi o sapatão que matou (...). Porque esse pé doendo, com problema, devido àquele sapatão... Era o sapatão e era reforçado, assim... Que nem uma lata, sabe? Tinha assim na frente, que ele era redondo, podia bater o podão assim que a coisa mais difícil era se cortar... Ele era pesado, assim, o sapatão. O sapatão era mais pesado conforme chovia (...), aquele barro, está entendendo? Então pra cortar cana era assim: pega um tanto de cana, então tem os eitos, então quem não dá pra pegar tem de ir no meio no canavial pra pegar outro corte assim no meio, cada um pega uns pedaços. Então aquele sapatão com aquela perneira, isso e aquilo, era muito difícil pra andar no meio do canavial, sabe? Principalmente quando é cana caída. Quando a cana está em pé, era normal

(...). Mas, quando era tudo caída pra lá e pra cá pra ir passando em cima daquela cana ali era muito difícil (...).

Olha, ele mesmo (o médico) não falou pra mim de onde veio a doença, o que aconteceu assim com meu pé. Eu passei com ele, tudo, e só falou que deu problema no meu pé, então aí tinha que fazer essa cirurgia porque senão a perna ia entortar. É, ó, quando eu fiz a primeira chapa, era só um montinho, uma manchinha preta no osso, e depois foi aumentando, está entendendo? Então ele falou, se você não fizer a cirurgia, depois vai subindo e essa perna aí vai ficar seca, murcha. Foi isso, mas não falou o porquê. Depois foi ficando desse jeito onde está. Agora passo com médico assim, ortopedista assim, eles falam pra mim: “não tem nada mais pra fazer no seu pé”. Porque a cirurgia, eles falam, que a cirurgia foi errada. Que era dum jeito pra fazer, eles fizeram de outro jeito. Onde que dói desse jeito (*Dona Joana*, 60 anos. Entrevista realizada no dia 25 de outubro de 2008, em Dobrada/SP).

Durante as entrevistas, foi possível observar as expressões corporais, carregadas de dor, desesperança, mas também de revolta. O depoimento abaixo é da esposa de um trabalhador de Barrinha que acabara de chegar do trabalho. Refletia a imagem de cansaço mesclada à fuligem impregnada no corpo e nas roupas. Trazia a mochila com o garrafão usado para levar a água consumida durante a jornada, a marmita e três podões (facões). Inquirido sobre a razão de ser três, ele nos disse que era para não perder tempo em afiá-los. Assim quando um “cegava”, ele, imediatamente, usava o outro. Esse trabalhador era “podão de ouro”, ou seja, o campeão do corte, chegando à marca de mais de 20 toneladas de cana cortadas num dia. Com 30 anos de idade, sentia fortes dores provocadas por hérnia de disco, além de câimbras. Ouçamos sua esposa, dado que ele sentiu temor em falar e ser despedido.

Mas eu nunca vi daquele jeito, olha, vou lhe dizer uma coisa, eu já conheci, mas sofrimento igual trabalhar em cana, eu nunca vi. Eu nunca, meu Deus do céu (...). Tem uma vez que ele chegou que ele caiu nesse corredor e rolava de dor. Pensei que ele tinha morrido. Eu queria puxar as pernas dele: “não, deixa eu do jeito que eu estou”. Meu Deus do céu, que subia aquele bolo assim na perna; ele retorcia de dor, gritava. À noite, ele na cama, a dor subia, ia de lado, eu olhava assim, eu esfregava e esfregava e ele: “ai, ai, ai”, ele gritando e gritando. E eu falava: “Oh, meu Deus, pelo amor de Deus, você não vai aguentar isso”. Eu pensava que ele estava aleijado, de ver a situação dele (...). Está aí um trabalho que ninguém valoriza, sabia? Ninguém valoriza não, você trabalha, trabalha de lascas e não adianta (...). A gente nem tem casa pra morar. Essa vida está doída demais, mas se Deus quiser um dia nós saímos dessa. (Depoimento colhido no dia 07 de novembro de 2008, em Barrinha/SP).

Essas vozes são o demonstrativo de que o estranhamento de si é carregado de revolta e do desejo de “sair dessa”. A seguir, o relato e o poema de dona Neide, aposentada, migrante, proveniente do estado do Paraná. Trabalhou desde os finais da década de 1970, período em que os trabalhadores eram transportados em caminhões.

É, eu gostaria de falar pra vocês um poema que eu fiz, olhando o povo cortar cana, sofrendo lá na roça, eu nunca tinha visto tanto sofrimento, tanta gente. Que quando eu entrei na empresa, tinha 7500 cortadores de cana. É muita gente. Aquelas máquinas pareciam um caranguejo, pra mim era coisa do outro mundo. Aqueles canaviais que pra mim nunca acabavam e nunca tinha visto aquelas coisas. Pra mim eu ia cortar cana, eu derrubava todas aquelas coisas nas minhas costas. E as pessoas paravam pra ver e riam de mim porque eu estava debaixo da cana. Eu cortava a cana e a cana caía em cima de mim. Então eu, parando, olhando o tempo, vendo aquele povo, eu resolvi passar aquilo tudo pro papel. E passando pro papel, eu fiz tipo um poesia, vocês querem escutar? (*Dona Neide*, em entrevista realizada no ano de 2008, em Barrinha, SP)

Eu sou uma boia fria e eu vivo das plantação
plantando e colhendo os frutos da terra
com as minhas próprias mãos
de baixo de sol e chuva esteja frio ou não, trabalho domingo e feriado
prá ganhar mais um tostão.
Eu trabalho muitos anos pros ricaços, pros grandes fazendeirão
mas eu nunca tive o gosto de conhecer o meu patrão
quando eu chego lá na roça, é aquela lamentação
uns tremendo de frio, outros não têm caldeirão, outros não têm garraão
e outro vem me pedir a lima, que tamanha judiação
com minha mochila nas costas, com frio todo empoeirada,
eu paro e penso: é uma barbaridade
porque todos os lados que eu olho, eu só vejo cana queimada.
É o povo é tanto que parece uma manada
eu amolo meu podão e começo a trabalhar
eu trabalho o dia inteiro sem ter tempo de sentar
é só na hora do almoço que eu volto pra comer
mas minha boia já tá fria
mas é meu jeito de viver
com uma fome de leão, eu pego no caldeirão
tem só arroz e feijão, e carne não tem não
eu olho pro meu lado e vejo meu colega
triste, desconfiado, ele diz: hoje não trouxe nada pois o gás tinha acabado.
Coitado. Eu fico pensando, ah, achei uma solução,
ofereço a metade da minha comida, insisto e faço questão
porque se assim Jesus Cristo multiplicará meu pão.
Quanto chega o dia 10, tudo mundo tá feliz
ah hoje, é dia do pagamento e eu vou logo no mercado se sobrar um trocado vou comprar roupa e
calçado
coitado.
Ele nem sabe se o pagamento dele vem certo ou errado,
quando pega no envelope e olha com atenção
dá um nó na garganta e uma aperto no coração
esse zerinho maldito só vem pro lado do patrão
e é com esses *enganinhos* que está comprando mais um caminhão.
Eu vou reclamar pro feitor ele nem me dá satisfação e diz
se você acha que seu pagamento está errado, procure seu patrão
já fizemos tudo pelos computador pra não ter amolação
no outro dia lá na roça é aquele mexerico
meu pagamento veio errado, o meu nem acredito
estou tão desorientado que nem Deus eu acredito
a minha marmita esta cheia, até perdi o apetite.
A cana que eu corto é uma barbaridade
toda vez que o guincho pega, leva uma caminhonada,
e a desculpa sempre é essa
aquela estava *empendoadada* e essa estava *deitada*
por isso ficou leve, na balança não pesou nada.

Dona Neide

Empendoadada - Refere-se à cana com pendão, ou seja, com flores nas pontas. Neste momento, ela perde peso, pois, já está muito amadurecida. Como o trabalho é pago por produção, a cana neste estágio representa pouca produtividade ao trabalhador.
Deitada - Refere-se à cana caída, a cana de "tolo", em função dos ventos e chuvas fortes.

As reflexões marxianas acerca do estranhamento mostram que esse processo atinge não somente a exterioridade das relações sociais, como também a própria vida efetiva, isto é, a psique humana, por meio da

internalização das formas de dominação. Acabam, por assim dizer, fazendo parte do inconsciente dos indivíduos. Conquanto, esse processo não é linear. Os depoimentos acima, sobretudo a poesia da trabalhadora rural, constituem-se num grito de dor, como também de busca para romper as amarras impostas. Não se trata de concebê-los como incapazes de tomar consciência da realidade em que vivem, de serem apáticos ou céticos. Ao contrário. O mesmo processo que lhes impõe o estranhamento cria as condições para o (des) estranhamento.

Para indicar aqui apenas um aspecto fundamental, realçaria o fato de que a concepção de uma dialética conflitiva interna resgataria, por um dos seus polos, a possibilidade de emergência do próprio sujeito, mesmo que essa emergência mantenha-se presa às condições objetivas do capital. (SILVEIRA, 1989, p. 76).

A percepção da injustiça social – presente na impossibilidade de cura, da obtenção da aposentadoria, da impossibilidade de adquirir uma casa para viver, do desconhecimento da doença, dos roubos dissimulados na pesagem da cana, graças aos “enganinhos” diários, da marmita vazia, do frio – é o fermento para a emergência do próprio sujeito, segundo as palavras de Silveira.

Acompanhando as metamorfoses havidas no mundo do trabalho canavieiro ao longo de mais de três décadas, podemos afirmar que o atual momento pode ser considerado como sendo aquele de maior exploração dessa força de trabalho. Nos canaviais paulistas, há o processo de intensificação da mecanização em todas as fases produtivas, tais como plantio, corte, distribuição de agrotóxicos, e do outro lado, intensifica-se a produtividade do trabalho. Assim sendo, atualmente, a *média*, ou seja, o quantum de cana cortada por dia é hoje em torno de 12 a 15 toneladas. Aqueles que não conseguem estas metas são despedidos. Há ainda que se considerarem as inúmeras divisões que se estabelecem entre os trabalhadores: aqueles que são denominados “facões de ouro”, os melhores, e aqueles que são os “facões de borracha” ou “máquinas”, os piores. São chamados “máquinas” porque como elas, esses trabalhadores param nos dias de chuva, não cortam cana em terrenos acidentados etc. Além dessa divisão, qualquer reivindicação, protesto, são motivos para retaliações, por meio de “listas negras”, “ganchos”, que lhes desqualificam para a continuidade do emprego atual ou, até mesmo, futuro. Os selecionados são jovens entre 17 e 35 anos, em virtude da exigência de grande esforço físico. No tocante às mulheres, elas foram alijadas do corte manual, desde o momento em que se intensificou a mecanização. Todavia, elas não desapareceram dos canaviais. Como vimos, elas desempenham atividades extremamente cansativas e perigosas. Há combinação de seus trabalhos com os das máquinas. Antes dessas entrarem em operação, as mulheres recolhem as pedras para que as lâminas

das mesmas não sejam danificadas; após o trabalho das máquinas, elas lá estão, para enfim continuar a limpeza dos canaviais, recolhendo as “bitucas”, os restos de cana para não haver a proliferação de bactérias e possíveis danos às plantas. No tocante aos homens, eles são destinados às tarefas do corte manual e operação das máquinas, tratores e caminhões. Em sua grande maioria são migrantes, provenientes dos estados do nordeste e do vale do rio Jequitinhonha/MG. Em geral, são contratados em seus locais de origem e se destinam aos canaviais paulistas sem a família. Aqui permanecem em torno de 10 meses ao ano, período da safra. Esse fato interfere negativamente no processo de subjetividade desses trabalhadores e de suas famílias. A distância, acrescida dos baixos salários, e o sistema de trabalho imposto – cinco por um, isto é, trabalham cinco dias e descansam um sem interrupção durante 10 meses – promove a cisão familiar. O controle do tempo por meio da distribuição da jornada semanal produz fissuras na sociabilidade, uma vez que os dias de descanso não são os mesmos para todos. Assim sendo, a dominação estende-se ao espaço reprodutivo e práticas costumeiras de frequentar igrejas, festas, bailes, visitar amigos se tornaram impossíveis, em virtude de descansos alternados. Este fato, além da cisão familiar leva à produção da sociabilidade fragmentada e até mesmo estranhada, em razão das inúmeras divisões segundo os estados de origem dos trabalhadores, cujas diferenças são transformadas em conflitos entre eles. E mais ainda. A organização política fica comprometida, o que responde aos interesses dos empresários. Em outro momento, denominamos este processo de *apropriação do afeto* (Silva, 2011). Afastados do convívio das famílias, dos amigos, tornados mutuamente estranhos, restam-lhes a concentração das energias físicas e emocionais para o trabalho tão somente. Aqui se configura o processo descrito por Marx no tocante ao estranhamento em relação aos outros e a si mesmo.

No que tange à realidade alagoana, o mesmo processo ocorre com os sertanejos. Eles migram do sertão alagoano e pernambucano para trabalhar na região da zona da mata ou do litoral durante os seis meses de safra da cana (de setembro a março). Nesse período, a maior parte deles habita os alojamentos localizados nos domínios das usinas, a outra parte reside em casas alugadas nas cidades canavieiras. Os que habitam os alojamentos tem uma rotina marcada pelo monótono deslocamento: alojamento – canavial, canavial–alojamento. A possibilidade de transitar pela cidade costuma ser restrita aos dias de folga, visto que os alojamentos ficam situados longe do espaço urbano. Além disso, o convívio com os familiares fica deveras comprometido, pois a distância do sertão e a exigência de assiduidade ao trabalho dificulta o contato com parentes e amigos. A saudade se apropria desses trabalhadores, que são vistos pela gerência da usina como os mais produtivos. Os trabalhadores canavieiros “da rua” (os do lugar) também costumam identificar os sertanejos como os mais produtivos. Já os sertane-

jos costumam identificar “os da rua” como preguiçosos e pouco produtivos. Além da hierarquia entre os trabalhadores no interior de cada turma, ainda existe a hierarquia e a cisão entre as diferentes turmas: a dos sertanejos (“bonzões”) e a dos “da rua” (“fracos”). Ainda que executando o mesmo trabalho e ocupando a mesma posição no processo produtivo, o trabalhador enxerga o outro como um estranho. Estranha o outro como estranha a si próprio.

No que diz respeito aos campos de flores, o aporte teórico sobre o estranhamento gerado pelo processo de trabalho nos permite apresentar os “espinhos” presentes nas flores. A inquestionável beleza de plantas como Amarílis e Tulipas esconde parte do processo de trabalho de plantio de bulbos, que são espécies de caules modificados ou raízes engrossadas a partir dos quais é possível brotar as flores das espécies citadas acima. Em pesquisa de campo realizada no município de Artur Nogueira,²¹ pudemos conversar com algumas trabalhadoras que já tinham se empregado no plantio e colheita de flores na região de Holambra. Um dos trabalhos realizados por elas é o plantio de bulbos. O broto ou “filhote de bulbo”²² é jogado na terra para, posteriormente, ser colhido e então comercializado como um bulbo.

Após sair de uma câmara fria, já separado por diferentes espécies e tamanhos, o bulbo é colocado na máquina que realizará, junto com homens e mulheres, o plantio. Os “filhotes de bulbo” ficam separados de acordo com a qualidade e variedade da planta. O processo do plantio se inicia com a abertura dos sulcos pelo trator. Logo em seguida, uma máquina – onde ficam 12 pessoas deitadas em posição de “bruços” – passa lentamente por esses sulcos. A metade delas se encarrega de depositar a muda na terra. Em seguida, as outras seis pessoas que estão deitadas na máquina jogam a terra por cima da planta. Todas elas ficam somente com parte dos braços e a cabeça para fora da máquina. De acordo com Bruna,²³ essa posição faz com que as pessoas fiquem a poucos centímetros do chão, portanto, em contato direto com a terra.

A realização do plantio de bulbos foi caracterizada por Bruna como “tudo fora do normal”, isso porque as trabalhadoras e os trabalhadores recebiam aproximadamente 20 reais por dia, não tinham contabilizadas no holerite as horas-extras trabalhadas e não recebiam os prêmios que tinham direito. Além disso, o refeitório e os banheiros eram sujos e não existia um lugar para esquentar a comida. O trabalho, muitas vezes, era feito sem o uso dos Equipamentos de Proteção Individual.

²¹ A pesquisa de campo realizada integra as atividades para o desenvolvimento do projeto de pesquisa de Doutorado de Juliana Dourado Bueno, intitulado “Sobre rosas e espinhos – experiências de trabalho com flores na região de Holambra (SP)”, com financiamento do CNPq.

²² O termo “filhote de bulbo” foi empregado por uma das trabalhadoras da região de Holambra, na ocasião da pesquisa de campo citada nas linhas acima. Voltaremos a tratar do uso desse termo nas páginas seguintes.

²³ Para preservar a identidade das trabalhadoras, os nomes apresentados nesse artigo são fictícios.

Além de não ter um salário “digno”, a atividade era bastante desgastante porque as pessoas ficam o dia todo deitadas, realizando esforços contínuos e duradouros com a cabeça, que fica para fora da máquina. Por não receberem aventais e algum tipo de protetor para o rosto, Bruna conta que no final da jornada ela se sentia como um “tatu” porque ficava em contato direto com a terra e saía de lá com a roupa e o rosto repletos de terra vermelha.

A referência ao “tatu” é uma expressão do estranhamento sentida diretamente nos corpos dos trabalhadores e das trabalhadoras empregadas nessa atividade. Para Marx, o processo de produção gera a mercadoria humana e produz o homem “precisamente como um ser desumanizado (*Entmenshtes Wesen*) tanto espiritual como corporalmente” (MARX, 2004, p. 92-93).

Uma vez estabelecidas as comparações dos trabalhadores e das trabalhadoras com animais por meio de termos como “canguru”, “tatu”; e “filhote de bulbo” para se referir aos instrumentos de trabalho, é possível notar os indícios da perda da condição humana dos trabalhadores na medida em que os instrumentos de trabalho e as mercadorias se tornam animados. O caráter sobrenatural da mercadoria

consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais de seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos. Por meio desse quiproquó os produtos do trabalho se tornam mercadorias, coisas físicas metafísicas ou sociais. [...] Não é mais nada do que determinada relação social entre os próprios homens que assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas (MARX, 1985, p. 71).

A totalidade que antes pertencia aos homens é destinada à mercadoria. Uma das evidências desse processo pode ser verificada no *slogan* da campanha publicitária do etanol a que nos referimos no início desse texto. “Etanol – o combustível *completão*”. A completude está presente na mercadoria e se encarrega de silenciar a relação entre os homens e o trabalho dos indivíduos, que se encontram cindidos e confrontados uns com os outros.

O mesmo pode ser verificado no emprego do termo “filhote de bulbo” e no apelo sentimental e afetivo que traz a produção e mercantilização das flores. As reflexões trazidas por Beceril (1995) contribuem para o entendimento do processo de trabalho nos campos de flores na medida em que recupera as representações de gênero que marcam a realização dessa atividade. Em seu estudo, a autora mostra que a *fecundidade* e a *fertilidade* femininas são usadas para relacionar a flor aos filhos da trabalhadora, e o local de trabalho à casa. A empresa lança mão desses termos para empre-

gar as mulheres no cultivo, colheita e classificação das flores. Os empregadores dão ênfase na maternidade, ressaltando os aspectos reprodutivos da mulher – para que ela cumpra sua função de portadora da vida (BECERIL, 1995).

A representação da afetividade não está presente somente na etapa do cultivo de flores e bulbos, mas também em sua comercialização. No início do artigo foi apresentado o contexto da Expoflora, feira de exposição realizada anualmente no município de Holambra/SP. Em cada edição, os organizadores do evento elaboram um tema para divulgação dos produtos na “Mostra de Paisagismo” e “Exposição de Flores.”²⁴ No ano de 2012, o “Amor” foi o tema escolhido para celebrar a festa das flores. No espaço destinado à exposição das flores era possível visualizar fotografias, poesias e trechos de canções que faziam alusão ao universo do romantismo. Marx (2011) traz novamente importantes contribuições para a reflexão do uso da subjetividade para a criação dos consumidores:

não é somente o objeto de consumo que é produzido pela produção, mas também o modo de consumo, não apenas objetiva, mas também subjetivamente [grifo nosso]. A produção cria, portanto, os consumidores (MARX, 2011, p. 47).

Nesse sentido, mais uma vez, a flor, na condição de mercadoria, ganha os sentimentos que foram alijados dos trabalhadores e das trabalhadoras durante o processo de produção.

Os estudos desenvolvidos por Arendt (2010) nos fornecem mais elementos teóricos para a análise da destituição da condição humana. De acordo com a autora, o que marca a modernidade é a perda da partilha do sensível e do *mundo comum*. Esses espaços constituiriam a política e dariam às pessoas a condição de humanidade. A autora mostra que, na modernidade, o político dá lugar à gestão do social, ou seja, qualquer possibilidade de *liberdade* e expressão de opiniões é apagada diante da gestão do campo da *necessidade* – nessa esfera o que se torna relevante é apenas a reprodução humana em seu aspecto mais natural e biológico.

No entendimento de Arendt (2010), a atividade humana que corresponde à esfera da necessidade é o trabalho, enquanto a *ação* se configura como a atividade relacionada à esfera da política, da liberdade, onde há espaço para pluralidade. Nesse sentido, a diversidade no encontro entre diferentes opiniões é que funda e preserva os corpos políticos, ao mesmo tempo em que “cria a condição para a lembrança, ou seja, para a história” (ARENDR, 2010, p. 10). É possível compreender, com base nesse esquema de pensamento, que os sujeitos que têm suas experiências de trabalho

²⁴ Tanto a mostra de paisagismo como a exposição de flores contam com uma grande infraestrutura no recinto de exposição da Expoflora. Paisagistas e produtores de flores de todo o país expõem seus trabalhos na feira.

invisibilizadas e apresentadas de forma escamoteadas perdem sua condição de humanidade.

A continuidade da reflexão arendtiana acerca da eliminação de um *mundo comum* nos leva a pensar no caso da produção de indivíduos “descartáveis”. No contexto histórico-social que embasou o pensamento de Arendt (1997), a autora toma como exemplo mais radical a condição dos judeus por ocasião do nazismo. A despeito da particularidade da análise arendtiana relacionada a um grupo e sua experiência inquestionavelmente marcada pela extrema violência, é possível pensar em alguns aspectos que estavam presentes na produção da superfluidade desses indivíduos e deslocá-los para a realidade dos trabalhadores e das trabalhadoras no Brasil.

Diante desse cenário, conclui-se que este grupo, constituído em sua maioria por migrantes e negros, é aquele que “sobra” e, portanto, tem sua “eliminação” legitimada. Por “eliminação” compreende-se aqui a exposição a condições degradantes de trabalho, que provocam graves acidentes e até a morte.²⁵

Todavia, esse processo não é linear, e sim contraditório. Existe uma luta incessante contra o estranhamento vivenciado no trabalho. A reificação do trabalhador não é total. Além da reação mediante greves e paralisações – nos canaviais paulistas e alagoanos pululam ações desse tipo –, ocorrem ainda as “resistências miúdas” (SILVA, 2008) do cotidiano, que acontecem de modo oculto, por detrás das fulgens dos canaviais e dos espinhos das flores. O etanol, açúcar e flores que aparecem nas vitrines e prateleiras não escondem apenas as relações sociais que os criam enquanto mercadorias, mas encobrem ainda as lutas que contestam as formas brutais de estranhamento, escondem os homens e as mulheres que continuam “estranhando o trabalho estranhado”, e “desestranhando” a possibilidade de sua superação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos realizar nesse texto um exercício de reflexão que apresentasse a totalidade de um processo que por vezes persiste em aparecer segregado e dissimulado. Quando a geração de riqueza, a sustentabilidade social e ambiental estampam a vitrine do agronegócio brasileiro, o trabalho à flor da pele é ocultado. São escondidas também as diferentes formas de estranhamento do corpo, do processo de trabalho e da alma que fazem com que homens e mulheres se apresentem como “cangurus” e “tatus”.

Nesse exercício, lançamos mão da reflexão arendtiana acerca da destituição da condição humana, e do referencial teórico dos estudos de

²⁵ No que diz respeito às mortes nos canaviais paulistas causadas pela intensidade das jornadas de trabalho, conferir os estudos de Silva (2006) e Alves (2006).

Marx sobre as diferentes formas de estranhamento. Mostramos que na simbiose dos processos de alienação e estranhamento, enquanto as mercadorias ganham vida, os sujeitos estranham sua condição humana. O etanol é apresentado para os consumidores como um produto ecologicamente e socialmente sustentável; as flores, principalmente aquelas que são comercializadas em Holambra e na Expoflora carregam o simbolismo da cultura holandesa e de um trabalho artesanal e poético, carregado de romantismo e afeto. Tais mercadorias e suas representações para os consumidores escondem, entretanto, as relações sociais e principalmente, as relações de trabalho que as originam.

Nos campos de cana e flores homens e mulheres se defrontam com o processo de estranhamento que inclui diferentes formas de exploração/dominação. Cabe apresentar, todavia, que os trabalhadores e as trabalhadoras buscam, ainda que por meio de uma resistência cotidiana e miúda, escapar do processo de estranhamento, em uma reação e protesto contra a vida desumanizada que lhes cerca. O mesmo processo que produz o estranhamento cria as condições para o (des) estranhamento. É dessa dialética conflitiva que os sujeitos sujeitos podem segurar as rédeas de suas vidas com as próprias mãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA BRASIL. Empresas do setor de cana-de-açúcar recebem selo de qualidade por respeito aos trabalhadores. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-06-14/empresas-do-setor-de-cana-de-acucar-recebem-selo-de-qualidade-por-respeito-aos-trabalhadores>>. Acesso em: 02 de julho de 2012.

ALVES, Francisco. Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte da cana em São Paulo. In: NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco (Orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EduFScar, 2007.

ANTUNES, Ricardo Luiz Coltro. O sistema de metabolismo social do capital e seu corolário, a alienação, na obra de István Mészáros. In: JINKINGS, Ivana ; NOBILE Rodrigo (Orgs.) *István Mészáros e os desafios do tempo histórico..* São Paulo: Boitempo Editorial, 2011. p.75-88.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo; Companhia das Letras, 1989.

_____. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BECERIL, Ofelia. “¿Cómo las trabajadoras agrícolas de la flor, en México, hacen femenino el proceso de trabajo en el que participan?” In: FLORES, Sara María Lara. (Coord.) *Jornaleras, temporeras y bóias-frias: el rostro femenino del mercado de trabajo rural en América Latina*. Editorial Nueva Sociedad. Caracas. 1995, p. 181-192.

BRUNO, Regina. *Movimento SOU AGRO: Marketing, habitus e estratégias de poder do agronegócio*. ANPOCS, 2012. Texto digitalizado.

- BURKE, Peter. *A fabricação do rei. A construção da imagem pública do rei Luís XIV*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- EXPOFLORA. História da Expoflora. Disponível em <http://www.expoflora.com.br>. Acesso em: 17 de junho de 2012.
- FOLHA ONLINE, Presidente Lula chama usineiros de heróis. 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u90477.shtml>>. Acesso em 12 de agosto de 2012.
- IBRAFLO. Uma Visão do Mercado de Flores. 2011. Disponível em <http://www.ibraflor.com/publicacoes/vw.php?cod=21>. Acesso em: 22 de setembro de 2011.
- LAAT, Erivelton Fontana de. *Trabalho e risco no corte manual de cana-de-açúcar: a maratona perigosa nos canaviais*. 2010. Tese (Doutorado). Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Metodista de Piracicaba. Santa Bárbara d' Oeste – SP, 2010.
- LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*/Livro Primeiro, Tomo 1. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- _____. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. Tradução. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.
- _____. *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política*. Tradução. Mario Duayer; Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.
- MELLO, Paulo Décio de Arruda. *Cana-de-açúcar e reestruturação produtiva: ação sindical e os movimentos sociais rurais em Alagoas a partir de 1985*. 2002. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco.. Recife, 2002;
- NOVAES, José Roberto. Idas e Vindas: disparidades e conexões regionais. In: NOVAES, José Roberto; ALVES, Francisco (Orgs.). *Migrantes: trabalho e trabalhadores no complexo agroindustrial canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*. São Carlos: EdUFSCar, 2007, p. 87-118.
- PLANCHEREL, Alice Anabuki; QUEIROZ, Allan Souza; SANTOS, Charles dos. O “canguru” no universo canavieiro alagoano: saúde e precarização do trabalho na agroindústria açucareira. *Revista Rede de Estudos do Trabalho (RRET)*, Ano IV, n. 7, 2010.
- RANIERI, Jesus José. *A Câmara Escura. Alienação e estranhamento em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- RODRIGUES, Lino. Compromisso para gringo ver. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/economia/compromisso-para-gringo-ver-549753>>. Acesso em: 08 de agosto de 2012.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda; RIBEIRO, Jadir Damião. Labour relations regulation and State in the sugar cane mills in Brazil. In: BONANO, Alessandro; CAVALCANTI, Salete Josefa. *Globalization, labor and migration*, 2013, No Prelo
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes. O trabalho oculto nos canaviais paulistas. *Perspectivas*, São Paulo, v. 39, p. 11-46, 2011.
- _____. A barbárie do i-mundo eitos dos canaviais. In: FACIOLI, Inês (Org.). *Vozes do eito*. Guariba: Eco.das.letras, 2009.
- _____. Cortadores de cana e os (Não) Direitos. *TRAVESSIA revista do migrante*. Publicação CEM – Ano XXI, n. 61, Maio- Agosto/ 2008.
- _____. Se eu pudesse, eu quebraria todas as máquinas. In: ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria A. de Moraes (Orgs.) *O Avesso do Trabalho*.. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- _____. *Errantes do fim do século*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida de Moraes et al., Do karoshi no Japão, à birôla no Brasil: as faces do

trabalho no capitalismo mundializado. *Nera* (Núcleo de estudos, pesquisa e projeto de reforma agrária). Revista eletrônica do PPG/Geografia e dep. De Geografia da UNESP/PP, Ano 9, n. 8, 2006, p. 74-109. Disponível em: <http://www4.fct.unesp.br/nera/revista.php>. Acesso em: 20 dez. 2009.

SILVEIRA, Paulo. Da alienação ao fetichismo. Formas de subjetivação e objetivação. In: SILVEIRA, Paulo; DORAY, Bernard. (Orgs.). *Teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, 1989, p. 41-76.

UNICA. União da Indústria de Cana-de-Açúcar. Exportação anual de etanol por estado brasileiro. 2013. Acesso em: <http://www.unicadata.com.br/listagem.php?idMn=23>. Acesso em :07 de fevereiro de 2013.

VERÇOZA, Lúcio Vasconcellos de. Trabalhadores nos canaviais de Alagoas: um estudo sobre as condições de trabalho e resistência. 2012. Dissertação (Mestrado), São Carlos, Centro de Educação e Ciências Humanas/Universidade Federal de São Carlos, 2012.

WEIL, Simone. Experiência da vida de fábrica. In: BOSI, Ecléa. *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 129-146.